

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PATRICIA NASCIMENTO MARQUES

A REPRESENTAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE NOS LIVROS
DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS



SÃO PAULO
2016

PATRICIA NASCIMENTO MARQUES

A REPRESENTAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE NOS LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Clynton Lourenço Correa

SÃO PAULO
2016

A REPRESENTAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE NOS LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS

Patricia Nascimento Marques¹;Clynton Lourenço Correa²

¹ Bacharel e licenciada em Ciências Biológicas, Secretaria Municipal de Educação. E-mail: patinmarques@gmail.com

² Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: clyntoncorrea@gmail.com

Resumo: Considerando o livro didático como a expressão do currículo dominante e a sua importante influência nas práticas docentes, a presente pesquisa visou identificar e analisar as representações dos profissionais da área da saúde nos livros didáticos de quinto e oitavo anos distribuídos nas escolas pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2016 e 2014, respectivamente. As categorias analisadas foram os gêneros, etnias e a divisão sexual do trabalho representadas nas imagens. A baixa representatividade de negros atuando na área da saúde (principalmente nos livros destinados ao oitavo ano), assim como a manutenção da imagem de cuidadora e dócil vinculada à mulher em oposição à técnica e à lógica associadas ao homem foram constatadas nos materiais analisados. As imagens veiculadas nos livros didáticos devem ser analisadas pela equipe docente de modo a favorecer uma leitura crítica das representações étnicas e de gênero visando desnaturalizar os estereótipos presentes nesses materiais.

Palavras-chave: ensino em ciência, livro didático, gênero, etnia, papéis sexuais.

Abstract: Considering textbooks as the expression of the dominant curriculum and their important influence on teacher's practices, this paper intended to identify and analyze the representations of the health professionals on 5th to 8th grade elementary school textbooks selected by the Brazilian Textbook Plan, from 2016 and 2014, respectively. The following categories were analyzed: gender, ethnicity and sexual division of labor. The low representativeness of black people as health professionals (mainly in 8th grade textbooks) as well as the maintenance of a caring and docile image linked to women in opposition to technique and logic linked to men was observed in the materials. Pictures presented in textbooks must be critically analyzed by teachers so as to break up stereotypes present in these materials.

INTRODUÇÃO

O livro didático é um material amplamente utilizado na educação formal por docentes e discentes, sendo sua distribuição gratuita garantida no Brasil pelo Ministério da Educação (MEC) através do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD). Esse é o material mais imediato utilizado por professores visando despertar o interesse discente (SANTOS, 2012). Inicialmente visto como obra de referência, o livro didático teve mudanças em sua utilização a partir de 1960. Com o aumento do público escolar e a precarização do trabalho docente, o livro deixou de ser um recurso exclusivamente didático pedagógico e passou a ser utilizado como fonte de consulta, formação e ação docente (BEZERRA, 2006 *apud* SILVA, 2012).

Impulsionado pelo PNLD, “o livro didático é responsável por 60% de todo o faturamento da indústria livresca no Brasil” (SILVA, 2012, p.810). Portanto, garantir o livro no catálogo do PNLD, tem um valor de mercado significativo para a indústria.

Os livros didáticos, enquanto proposta curricular, “expressam a materialização de conflitos entre grupos para hegemonizar suas posições” (MACEDO, 2004, p.106). As posições hegemônicas podem ser destacadas nos modos de exposição dos conteúdos em detrimento de outras posições/culturas. Nesse sentido, o livro didático “pode ser um veículo de expansão de estereótipos não percebidos pelo professor” (SILVA, 1999, p.23). O uso de estereótipos sustenta a autoridade colonial uma vez que demarca a separação de diferentes culturas naturalizando as relações de poder. A estratégia de estereotipar o outro faz com que a diferença seja vista como anômala, fragilizando e desarticulando uma organização política do grupo estigmatizado que tende a rejeitar a própria cultura e naturalizar a opressão (MACEDO, 2007).

O Brasil, embora apresente grande miscigenação na constituição do seu povo, apresenta uma identidade-referência: “homem branco heterossexual, de classe média urbana e cristão” (LOURO, 1998 *apud* LOURO, 2000, p.68). Essa identidade caracteriza a norma e, por ser previsível, torna-se invisível nas representações e ilustrações das mídias e materiais didáticos. Torna-se marcada e visível a identidade que foge da norma e desvia do padrão hegemônico. Apenas recentemente passou a se questionar a identidade ‘normal’, com a influência dos movimentos feministas e de teorização homossexual (LOURO, 2000), além dos movimentos negros.

As fotografias e ilustrações utilizadas nos livros didáticos são persuasivas, simbólicas e trazem consigo concepções de gênero e etnia (Pires, 2004 *apud* RIBEIRO, 2010). Segundo Ribeiro (2010), quando há a representação de uma infração à convenção social, ilustra-se, majoritariamente, com personagens de raça não-branca. Sobre o contexto ao qual a figura negra é representada, Lima (1999) afirma que as crianças negras encontram imagens pouco dignas para se reconhecer enquanto a criança não negra possui um maior número de opções de representação para elaborar sua identidade.

O estudo de Macedo (2004) mostrou como os gêneros são representados nos currículos de Ciências, reforçando a divisão sexual do trabalho. Nesse caso, no que foi determinado setor da saúde, apareceram mais homens que mulheres nas representações. Segundo Martins e Hoffmann (2007), essa diferença veicula a divisão sexual do trabalho, pois a atribuição dos postos de trabalho ocorre a partir das capacidades estabelecidas convencionalmente aos homens e às mulheres. Quanto à naturalização dessa diferença de ocupação do mercado de trabalho, Graciano (1975 *apud* MARTINS e HOFFMANN, 2007, p.12) afirma que “a distribuição de tarefas entre

os sexos é, em muitos sistemas culturais, entendida como uma espécie de extensão das diferenças anatômicas (ou procriativas) entre os sexos”.

Pensar o discurso da Biologia como aparato político de classificar corpos em homens e mulheres – dentre outras classificações biologicistas – o estudo das concepções por trás dos conteúdos e imagens veiculadas nos livros didáticos se justifica pela influência que gera sob as identidades discentes. O estudo desses interesses, somado a “deslegitimação da Ciência como corpo de conhecimentos privilegiado” (MACEDO, 2004, p.126) pode contribuir para a superação de desigualdades e reversão de práticas de colonialismo que estão na base da divulgação estereotipada das minorias.

A presente pesquisa visa identificar as representações dos profissionais da área da saúde nos livros didáticos de quinto e oitavo anos distribuídos às escolas pelo PNLD de 2016 e 2014, respectivamente. Pretende-se, especificamente, atentar para os gêneros e etnias representados e associar a função desenvolvida pelos personagens às ideias de divisão sexual do trabalho.

METODOLOGIA

O presente estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa. Segundo Lüdke e André (1996), nesse tipo de abordagem, dados predominantemente descritivos são analisados a partir de um processo frequentemente indutivo.

Os objetos de análise dessa pesquisa são ilustrações e representações dos profissionais da área da saúde coletados de 16 exemplares de livros didáticos, das 33 coleções aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), sendo oito exemplares de quinto ano (PNLD 2016) e oito de oitavo ano (PNLD 2014). Os materiais foram disponibilizados pelo MEC através do PNLD e foram acessados pela pesquisadora em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de São Paulo. Ao adotar a aprovação do PNLD como ponto de partida da escolha do material, considera-se que este foi previamente avaliado por uma equipe de especialistas da Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC) e que está em circulação nas escolas – no caso do PNLD 2016 – ou que já foram adotados pelas escolas – no caso do PNLD 2014.

A escolha por livros de quinto e oitavo anos justifica-se pela temática abordada: fisiologia humana. Portanto, espera-se maior número de representações de profissionais da área da saúde nessa temática em relação aos outros temas da disciplina de Ciências.

Após a identificação nos livros didáticos de todas as representações de profissionais da área da saúde, esse material foi analisado de acordo com o roteiro abaixo.

Roteiro de análise das representações dos profissionais da área da saúde nos livros didáticos

- Quantos profissionais da saúde são representados por livro?
- Quantos são representados com o gênero masculino?
- Quantos são representados com o gênero feminino?
- Quantos são negros?
- Quantos são brancos?
- Há outras representações de etnia?

- Há diferenças no exercício da função em relação ao gênero do profissional - análise com base nos estudos sobre a divisão sexual do trabalho (HIRATA e KERGOAT, 2007)?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram coletadas 80 representações de profissionais da saúde nos 16 livros didáticos analisados. Dessas imagens, 62 foram retiradas das coleções de oitavo ano e 18 de quinto ano. Tanto os livros de quinto quanto de oitavo anos apresentaram fotografias como forma majoritária de representação dos profissionais da saúde. Os livros de quinto ano apresentaram maior número relativo de desenhos e ilustrações como forma de representação comparado aos livros de oitavo ano. A representatividade de gênero e etnia em ambas as coleções estão expressas nos gráficos abaixo:

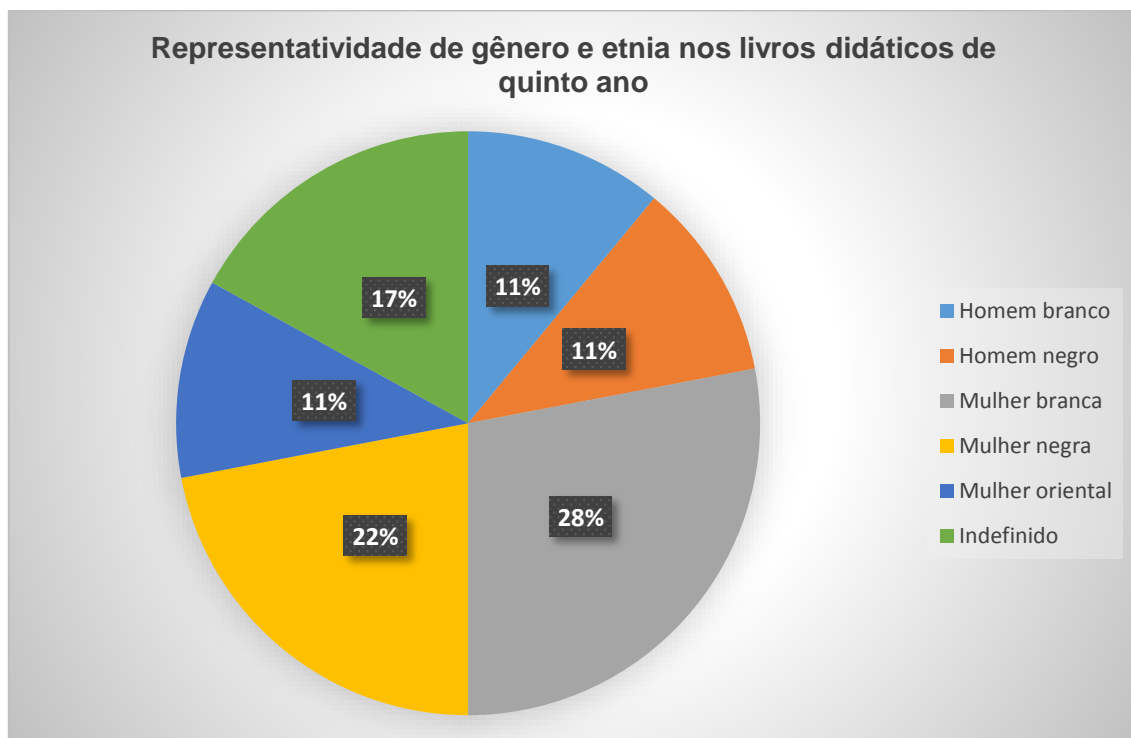


Figura 1 - Os gêneros e as etnias dos profissionais da saúde representados nos livros didáticos de quinto ano.

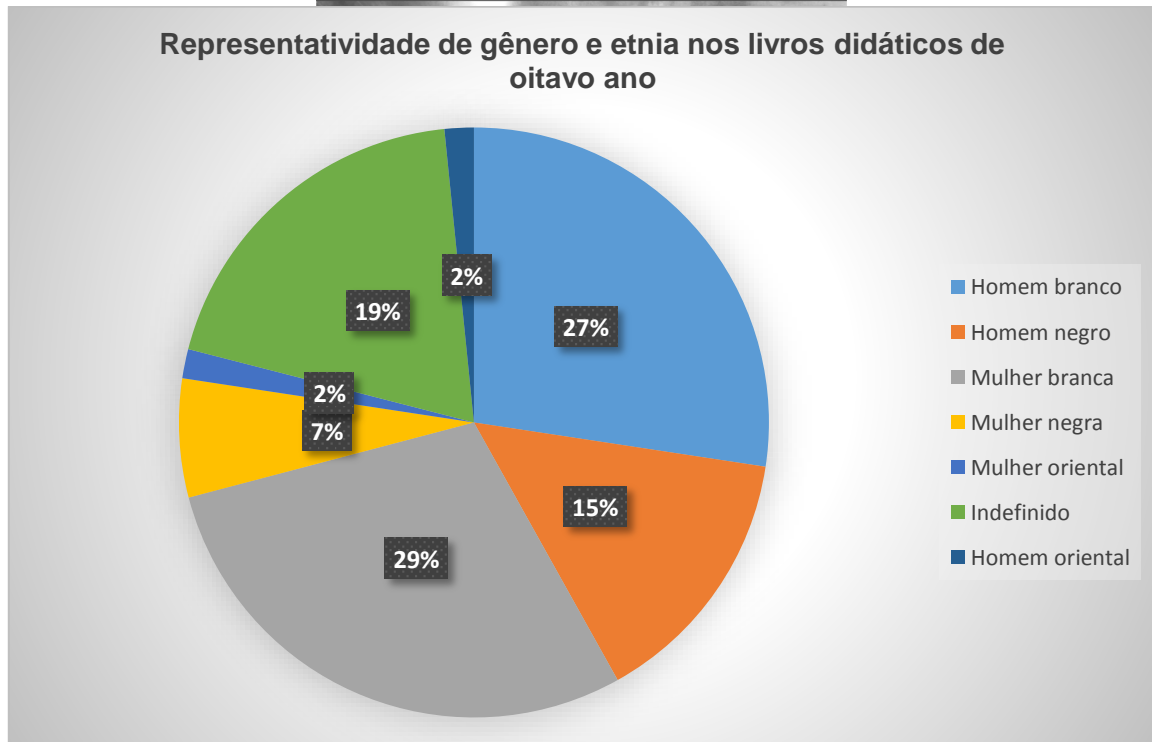


Figura 2 - Os gêneros e as etnias dos profissionais da saúde representados nos livros didáticos de oitavo ano.

A representação da 'mulher branca' foi predominante no material analisado. Nos livros de oitavo ano, a segunda representação mais frequente dos profissionais da saúde foi o homem branco. Já os livros de quinto ano apresentaram a mulher negra como a segunda representação mais frequente.

O gênero feminino foi mais frequente nas coleções de quinto ano. Já nos livros destinados ao oitavo ano, somando as representações de homens negros e brancos obtivemos um número maior do que somando as mulheres negras e brancas, ou seja, houve maior representatividade do gênero masculino nas coleções de oitavo ano. Essa diferença ocorre pela baixa representatividade da mulher negra, uma vez que a mulher branca foi massivamente representada nas ilustrações analisadas.

A categoria 'indefinido' pertence às representações cujo foco foi a ação desenvolvida pelo profissional, o que impossibilitou a identificação do gênero e da etnia da pessoa envolvida na ação. Esses casos estavam presentes, predominantemente, em imagens de partos e campanhas de vacinação, cujas imagens mostravam apenas as mãos do profissional. A fotografia focada na ação do profissional é mais frequente nos livros de oitavo ano.

Os dados referentes à divisão étnica e sexual do trabalho estão expressos nos gráficos a seguir:

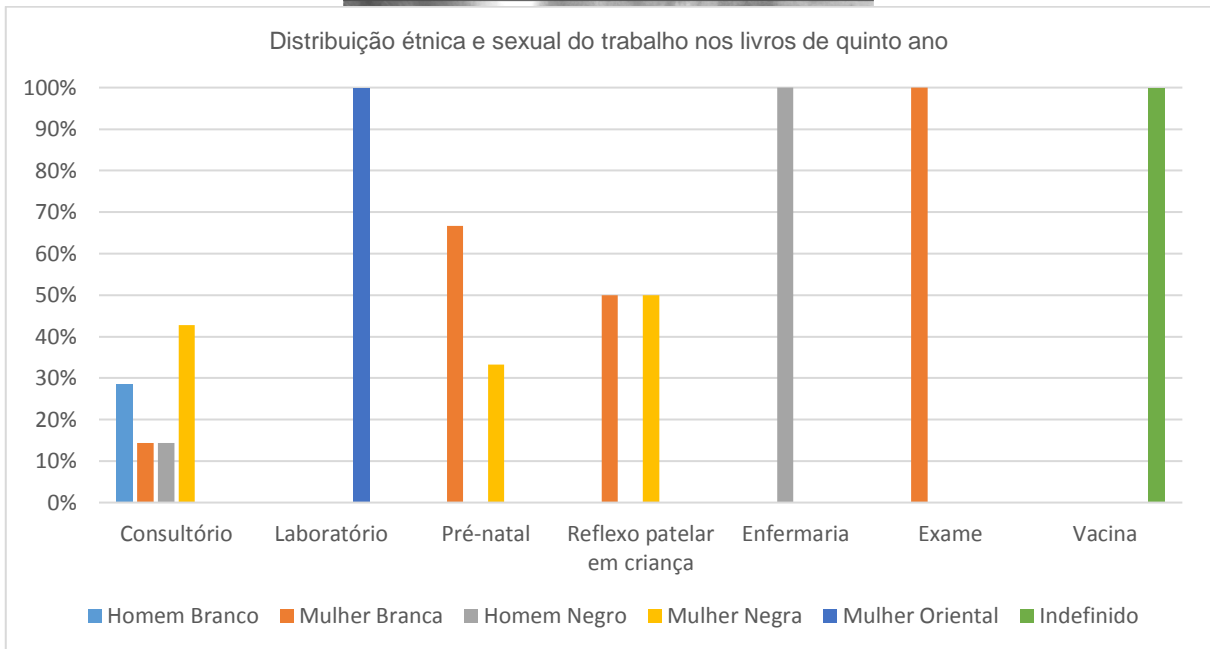


Figura 3 - Distribuição étnica e sexual nas principais funções exercidas pelos profissionais da área da saúde nos livros didáticos de quinto ano.

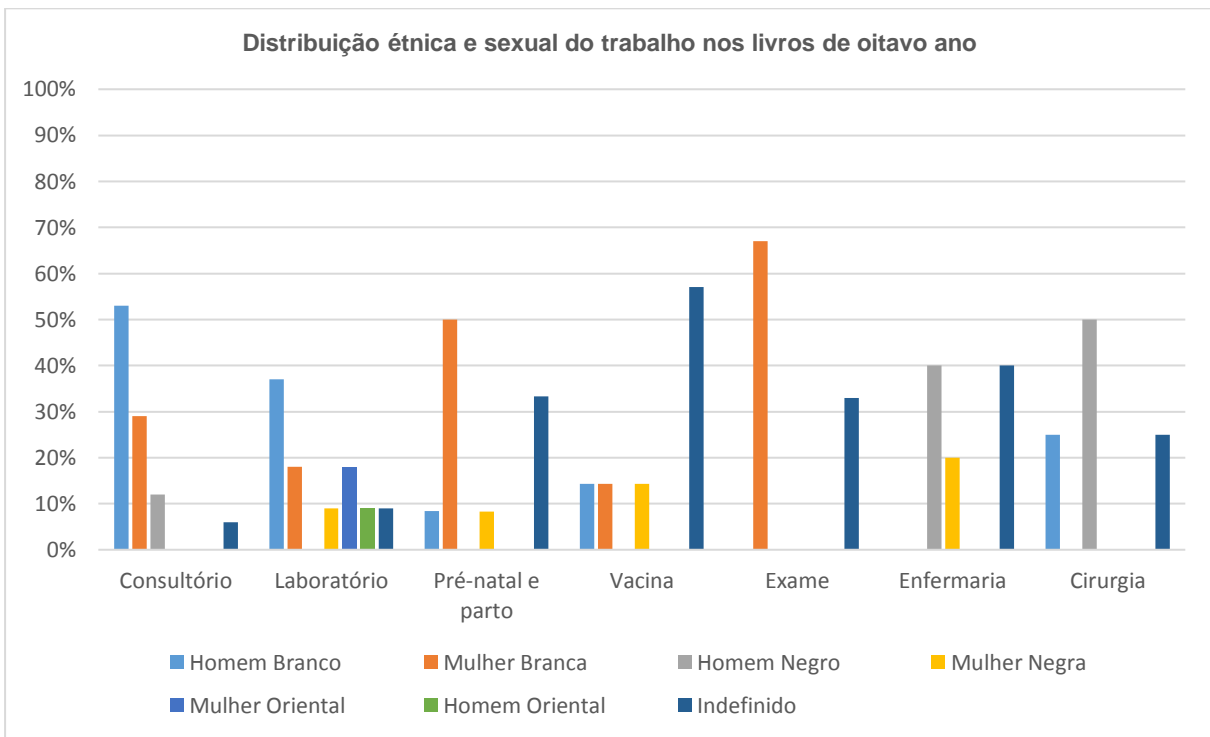


Figura 4 - Distribuição étnica e sexual nas principais funções exercidas pelos profissionais da área da saúde nos livros didáticos de oitavo ano.

Nos livros de quinto ano, identificamos apenas uma imagem com uma mulher oriental como protagonista atuando em um laboratório. Já nos livros de oitavo ano, 10 imagens foram coletadas nesse cenário, sendo que, em 40% delas, o protagonista foi um homem branco. Nos livros de oitavo ano, a mulher e o homem branco são representados em quase todas as atuações analisadas, diferente do que ocorre com

a representatividade da mulher e do homem negro, que estão presentes em maioria apenas na área de Enfermagem e de Medicina (cirurgia)¹.

A imagem da mulher branca prevaleceu em associação aos exames ginecológicos (pré-natal, ultrassonografia, entre outros) nos livros de quinto e oitavo anos. Nos livros de oitavo ano, o estereótipo é representado nas ações ligadas à coleta de exame (eletrocardiograma, ressonância magnética, eletroencefalograma).

Nos livros de oitavo ano, a mulher negra prevalece nas fotos de equipe (de resgate, de laboratório, na enfermaria) e não aparece atuando individualmente (como nos consultórios). Já nos livros de quinto ano, a imagem da mulher negra foi mais frequentemente observada em consultórios realizando atendimento às crianças.

Nos livros de quinto ano, as imagens de profissionais da saúde aparecem com mais frequência associadas ao contexto de consultas médicas, enquanto nos livros de oitavo ano aparecem em procedimentos de coleta de exames. Ambas reforçando a importância do autocuidado e da prevenção de doenças. A abordagem dos livros de oitavo ano é mais técnica comparada aos livros de quinto ano, pois relata, detalhadamente, o desenvolvimento de doenças, tratamento e prevenção das mesmas, destacando as tecnologias envolvidas nesses procedimentos.

Os livros didáticos presentes no catálogo do PNL D são previamente avaliados por uma equipe que é orientada através de fichas de avaliação das obras. Dentre as diversas orientações das fichas, há a preocupação em avaliar as ilustrações das obras de modo a garantir que elas não veiculem violência, preconceito (de condição socioeconômica, regional, étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, de idade ou de linguagem), incentivo ao uso de drogas lícitas e ilícitas ou violação de direitos. Apesar desse explícito critério de avaliação das obras, podemos notar a naturalização das desigualdades de gênero, a baixa representação de negros em posições de maior prestígio social e a ausência de indígenas atuando na área da saúde nas ilustrações analisadas.

Em alguns materiais, foi possível observar ilustrações nas quais os homens executam o trabalho doméstico – seja sozinho ou com uma mulher. Esse modo de ilustrar os afazeres domésticos pode ser reflexo de uma adequação para garantir a aprovação das obras no catálogo do PNL D, isentando o material de um julgamento quanto à divisão sexual do trabalho doméstico. Apesar de apresentar novos arranjos no exercício do trabalho doméstico, os materiais analisados reforçam divisões sexuais das atuações no mercado de trabalho para profissionais da área da saúde, como vimos, por exemplo, nos livros de oitavo ano cuja maior representatividade de profissionais atuando em laboratório foi ilustrada com homens brancos – o que relaciona o raciocínio lógico à uma característica masculina, assim como a mulher negra, nos livros de quinto ano, que aparece majoritariamente associada ao cuidado com crianças – naturalizando a relação do lado maternal e cuidador às mulheres negras. De ama de leite à babá e empregada doméstica, numa sociedade pós-abolicionista, ainda impera a lógica escravista na vida social das mulheres negras.

Assim, como ocorre nas propagandas de televisão, nas ilustrações analisadas nota-se que “as mulheres são colocadas em posições profissionais semelhantes às dos homens, mas esses ‘novos’ lugares sociais não questionam o binômio emoção/razão” (BELELI, 2007, p.198).

Assim como na pesquisa de Macedo (2004) que analisou o protagonismo masculino nos materiais didáticos de ciências, na presente pesquisa notamos, nos livros de

¹ A ilustração apresenta três homens negros realizando a primeira cirurgia nigeriana de transplante de rim em criança, em Lagos, Nigéria, 2009.

oitavo ano, que mais homens foram representados nas profissões da área da saúde. Apesar da maior representatividade de homens, ao categorizar os gêneros junto às etnias, nota-se maior frequência das imagens de mulheres brancas em relação aos homens brancos ou homens negros em ambas as coleções didáticas.

Entre o gênero feminino, observaram-se variações quanto à atuação. A mulher branca foi vista majoritariamente, em ambas as coleções didáticas analisadas, relacionada aos exames ginecológicos. Já a mulher negra teve sua maior representatividade nos livros de quinto ano em consultórios, prestando atendimento às crianças. Apesar da diferença no cenário, percebe-se que as imagens das mulheres estão relacionadas ao cuidado e ao afeto (de crianças e gestantes/fetos). Desse modo, as coleções contribuem para a veiculação da imagem da mulher dócil e cuidadora que, segundo Pires (2004 *apud* Ribeiro, 2010), representa práticas sociais exigidas como comportamentos adequados e esperados em meninas além de produzir a impressão de que existe uma única forma de ser mulher na sociedade.

A reprodução do homem branco atuando em laboratório como imagem hegemônica nas representações analisadas nesse cenário está de acordo com Louro (1998 *apud* LOURO, 2000) que assume essa imagem como identidade referência no Brasil. O homem branco atuando no laboratório é uma imagem amplamente divulgada, não só nos livros analisados, mas nas propagandas de televisão (BELELI, 2007). Essa imagem não é questionável, pois trata-se de uma identidade apagada, invisível da norma por não ser reconhecida como problemática (LOURO, 1998).

As ilustrações presentes em materiais didáticos apresentam, entre outras funções, a de colaborar para a elaboração da identidade do estudante (LIMA, 1999). Desse modo, a baixa representatividade de mulheres e homens negros realizando exames, atuando em laboratórios e consultórios em relação às representações de brancos nas coleções de oitavo ano pode levar os estudantes negros a não reconhecerem essas possibilidades de atuação no mercado de trabalho, identificando essa prática como uma ação naturalmente designada às pessoas de pele branca. Sendo assim, pode-se naturalizar o discurso racista dentro do grupo minoritário (RIBEIRO, 2010).

A categoria de Enfermagem foi majoritariamente representada, nos livros de quinto e oitavo anos, por pessoas negras, colaborando para uma maior possibilidade de reconhecimento e identificação da criança negra com os profissionais dessa atuação. Cabe ressaltar que, entre os profissionais da área da saúde, a Enfermagem é vista como apoio técnico e coadjuvante do cenário hospitalar, ainda que isso não seja verdade. Persiste em nossa sociedade uma representação da Enfermagem como área que atua para “servir” os profissionais médicos. O baixo prestígio social associado aos profissionais de Enfermagem e a sua representação por pessoas negras nos livros didáticos deve ser objeto de estudo de professores e alunos para uma leitura crítica da representação e desconstrução dessas marcas sociais.

Dada a importância e o caráter de verdade que é conferido ao livro didático, esse pode ser um veículo de expansão de estereótipos não percebidos pelo professor (SILVA, 1999). Compreendendo o currículo e o livro didático como dispositivos culturais e pedagógicos “que buscam endereçar os sujeitos a que se destinam, utilizando uma estrutura que localiza o leitor num lugar social e ideológico” (ELLSWORTH, 1997 *apud* MACEDO, 2007, p. 46), percebe-se que há intencionalidade nas abordagens adotadas nos materiais didáticos, assim como nas representações imagéticas.

Ao trabalhar o conteúdo da saúde fazendo uso do material didático como ferramenta de apoio, o docente deve rever os seus conceitos e preconceitos capacitando-se para perceber as visões estereotipadas presentes nesses materiais. O livro didático pode ser um instrumento gerador de consciência crítica quando o discente é estimulado a

desconstruir a ideologia que desqualifica as diferenças. O professor pode estimular a reconstrução do conceito de minoria negra/indígena redesenhando as ilustrações junto dos alunos. Para tanto, o uso e a avaliação da qualidade dos materiais didáticos deve ser tema de cursos de formação inicial e continuada dos professores das diversas redes de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os livros didáticos apresentam impactos na indústria livresca e nas práticas docentes atuando como dispositivo político, cultural e pedagógico. Ao retratar o currículo dominante, os livros didáticos expressam posicionamentos em seu conteúdo escrito e imagético.

A avaliação prévia do PNLD para a inclusão dos livros didáticos em seus catálogos não garante o tratamento adequado da diferença numa perspectiva multiculturalista. Como notamos na presente pesquisa, a baixa representatividade de negros ocupando posições de prestígio na área da saúde, a ausência de representantes indígenas nessas áreas profissionais e a dicotomia entre homens e mulheres como representantes da razão e emoção são frequentemente veiculados nos materiais acessados por professores e alunos nas escolas públicas através do PNLD.

O professor, ao adotar a obra como instrumento de trabalho, deve atentar para a análise das imagens e, inclusive, utilizá-las como objeto de estudo junto ao grupo discente de modo a favorecer a consciência crítica perante os posicionamentos hegemônicos postos no currículo.

A leitura crítica dos conteúdos e imagens dos livros didáticos enquanto expressão do currículo vigente é favorecida quando se torna objeto de estudo de cursos de formação inicial e continuada de professores. Desse modo, o professor torna-se capacitado a utilizar o material oferecido de forma mais aprofundada, crítica e construtiva contemplando a todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELELI, Iara. Corpo e identidade na propaganda. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 193-215, jan. 2007.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n.132, p. 595-609, set/dez 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade, **Educação & realidade**, Porto Alegre. vol. 25, n. 2, p. 59-76, 2000.

LIMA, Heloisa P. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In. MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, p. 101-116, 1999.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. Pesquisa em educação: **abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MACEDO, Elizabeth. A imagem da ciência: folheando um livro didático, **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 25, n. 86, p. 107-129, 2004.

_____. Um discurso sobre gênero nos currículos de ciências. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.32, n.1, p.45-58, jan/jun, 2007.

MARTINS, Eliecília de Fátima; HOFFMANN, Zara. Os papéis de gênero nos livros didáticos de Ciências. **Revista Ensaio**, v. 9, n. 1, p. 1-20, 2007.

RIBEIRO, Giselle Rodrigues. O afro-brasileiro e sua representação no livro didático de língua materna. **Trab. Linguist. Apl.**, Campinas , v. 49, n. 1, p. 101-113, 2010.

SANTOS, José Nunes dos. Imagens: representações de gênero no livro didático de biologia, **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, vol. 9, n. especial, p. 889-897, 2012.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: Munanga, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, p. 21-37, 1999.

SILVA, Marco Antônio. A Fetichização do Livro Didático no Brasil, **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 803-821, 2012.